

os fundamentos da atual política externa brasileira

Todo o esforço em contrário desenhado pelo ministro da Fazenda não foi suficiente para diminuir a importância atribuída à delegação brasileira, na Conferência de Punta del Este. E foi insuficiente porque, em matéria de política externa, o Brasil é, hoje, o único país latino-americano (com exceção de Cuba, naturalmente) a apresentar orientação própria. E' fora de dúvida, todavia, que o rumo futuro dessa orientação será influenciado pelos resultados da Conferência do CIES. Em que medida, porém? Para responder a esta pergunta é necessário conhecer, primeiro, os pontos de sustentação da atual política exterior brasileira, de modo a saber se tal política corresponde a uma motivação concreta, que garanta sua continuidade.

Reportagem de Rui Mauro Marini

ensaio geral

A determinação com que o sr. Jânio Quadros vem dirigindo a política externa e procurando imprimir-lhe sentido e coerência, transparece claramente na maneira pela qual preparou a atuação brasileira em Punta del Este. No mês que precedeu a conferência, o Governo brasileiro recebeu a Missão soviética de boa vontade, trocou mensagens com Kruschew, anunciou o reatamento das relações diplomáticas com a URSS, enviou missões comerciais à China continental e a Cuba. Tais iniciativas correspondiam a uma definição clara dos propósitos do Governo, os quais eram assim convocados e passados em revista, numa sorte de ensaio geral, cujo

primeiro efeito seria converter o Brasil em estrela do show de Punta del Este.

Não se tratava, porém, somente de vedetismo. As atitudes assumidas pelo sr. Jânio Quadros visavam, muito particularmente, aos Estados Unidos, e adquiriam o valor de ameaças. Em outras palavras, forçavam Washington a uma opção: conceder a ajuda econômica em larga escala reclamada pela América Latina ou arriscar-se a ver o Brasil (e, com êle, quem sabe quantos outros países) inclinar-se abertamente para o campo neutralista.

A «inequívoca simpatia» manifestada pelo presidente da República aos países de Belgrado, em sua última entrevista coletiva, não teve outro objetivo. Mais franca, ainda,

é sua afirmação, feita na mensagem ao Governo soviético recém-divulgada, de que o auxílio até agora recebido pelo país para seu desenvolvimento, embora «valioso», é insuficiente para atender às suas necessidades. Afirmação reforçada pela de que o Brasil tem «alguma coisa a dar e muito a receber» da União Soviética».

reflexo no espelho

Uma política não se edifica no vazio, nem se compõe apenas de intenções. Sua eficácia está condicionada à existência de uma base real que a sustente e mede-se pelos efeitos que engendra. Reservando-se a liberdade de, eventualmente, intervir como *free lancer* na competição econômica entre os dois blocos (como o fazem, por exemplo, a República Árabe Unida e a Índia), o sr. Jânio Quadros só poderia esperar obter repercussão nos Estados Unidos no caso de, efetivamente, possuir condições para assim proceder.

Que a repercussão verificou-se, é o que não pode ser pôsto em dúvida. A visita de Douglas Dillon a Brasília, de passagem para Punta del Este, foi sinal evidente. Acrescentemos a isso a atuação dos norte-americanos na conferência, onde não recuaram ante promessas as mais mirabolantes (como a dos 20 bilhões), nem mediram mãos para atender às exigências brasileiras, sobretudo aquelas que interessavam mais de perto o Brasil (as relativas ao café, principalmente).

Isso deve-se ao fato de Washington não ignorar que o sr. Jânio Quadros tem condições para praticar uma política exterior independente. E o tem pela forte razão de a atual orientação do Governo brasileiro, nesse terreno, refletir, não somente as veleidades independentistas do sr. Jânio Quadros, mas a correlação efetiva das forças sociais que o sustentam — da mesma maneira como um espelho reflete o objeto que o enfrenta.

a contradição inexistente

Reside aí a causa fundamental do fracasso a que estão sendo levadas as tentativas de articular-se a oposição ao sr. Jânio Quadros com base numa possível contradição entre a política externa e a política interna desenvolvidas pelo seu governo. Na realidade, essa contradição é ilusória, visto que toda a atuação do sr. Jânio Quadros tende, com admirável coerência (sem precedentes em nossa história), a consolidar e expandir o jovem capitalismo brasileiro.

Seus pronunciamentos em favor da reforma agrária, o racionalismo que procura impor às relações industriais (de que o projeto da escala móvel de salários é bom exemplo), o abandono dos protecionismos e subvenções que amparavam as empresas menos poderosas — por qualquer lado que o examinemos, deparamo-nos com um governo que, à diferença dos que o precederam, não transige com os diferentes grupos sociais, mas persegue, incansavelmente, o fortalecimento daquele sobre o qual repousa. A intimidade reinante entre o sr. Jânio Quadros e o sr. Ermírio de Moraes é, nesse contexto, simbólica.

Uma política comercial agressiva representa, então, a forma pela qual um tal Governo procura afirmar-se no plano externo. A diplomacia converte-se em instrumento eficaz da política comercial e, com ela, todas as demais atividades que ligam o país ao mundo exterior. O noticiário jornalístico fornece-nos exemplos diários. A visita do enviado tunisino, Rachid Driss, referindo-se embora à crise de Bizerta, revestiu, imediatamente, caráter comercial. A delegação brasileira aos jogos universitários de Sofia sofreu mesma metamorfose, o que ocorrerá, também, com o selecionado de futebol que disputará a próxima Copa do Mundo. Poderíamos alongar a lista, lembrando o caso de Cuba, as visitas de governantes e diplomatas do Peru, Chile, Canadá, além das relações com o bloco socialista.

parceria

A nova posição internacional do Brasil reflete, assim, fielmente, o esquema de forças que prevalece na vida política nacional. A complementariedade e a dependência que caracterizavam as relações das antigas classes dominantes com os Estados Unidos substituem-se, agora, pela associação e colaboração em pé de igualdade reclamada por nossa burguesia. Aumenta, conseqüentemente, a margem de liberdade do Governo no plano exterior, liberdade que as circunstâncias levam-no a utilizar como arma de pressão contra seu parceiro do Norte.

E' a partir dessa perspectiva que se há de examinar o comportamento da delegação brasileira que compareceu a Punta del Este. Como é também em função dela que se apreciarão as conseqüências daí advindas para a posição do Brasil no cenário mundial e, particularmente, americano.